

da. (...) Uma experiência desse tipo se perde à medida que a escola não incentiva, não se esforça para ser diferente, apenas reforça o sentimento de impotência da população frente a situações de fato".

Contribuição valiosa, para o aprofundamento das questões relativas à participação popular na gestão da escola, encontra-se no artigo de Spósito ("Redefinindo a Participação Popular na Escola"). Afirmando a complexidade dessa participação como via para a democratização do sistema público de ensino, a autora, fiel ao título de seu artigo, propõe uma nova definição a partir da crítica às concepções pedagógicas vigentes nas propostas de participação. Com base no discurso de integração escola-família-comunidade, essas propostas têm resultado em práticas na maioria das vezes autoritárias, conservadoras e segregacionistas, servindo para reforçar projetos de dominação, exclusão e controle social.

A redefinição do caráter da participação popular na escola, enquanto mecanismo de participação e representação política, recoloca também a delimitação do caráter público da educação e do caráter democrático da participação. A participação popular, assim definida, ganha novos horizontes, ultrapassa os muros da escola e a população a ela ligada diretamente. De acordo com a autora, a democratização do ensino público poderia ser alcançada mediante a presença popular, sustentada e aprofundada por sua organização em outros canais de participação que não os restritos à educação.

Spósito atenta ainda para a necessidade de ampliação do caráter de participação dos vários protagonistas da atividade educativa: "Sem uma efetiva descentralização administrativa, que permita a desconcentração de poder na burocracia e resulte na autonomia da unidade escolar, não será possível a formulação de projetos educativos mais coerentes e dotados de certa eficácia".

Assim, este artigo traz contribuição significativa, na medida em que avança no enfoque a ser dado ao tema. Ampliando o conceito de participação ao

mesmo tempo em que o politiza, a autora redefine o espaço de luta pela democratização da gestão escolar. Esse espaço não é mais restrito à Instituição, tendo por suposto uma "guerra surda" e algumas vezes muito ruidosa entre professores, diretores, pais e alunos, mas remete-se à luta de trabalhadores — pais, professores, diretores e alunos — contra o desprezo da máquina estatal e pelo exercício do poder na escola e na sociedade.

*Cláudia P. Vianna*

#### **INCIDENTES DA VIDA DE UMA ESCRAVA CONTADOS POR ELA MESMA**

HARRIET A. JACOBS

Org. e apresent. Jean Fagan Yellin

Trad. Waltensir Dutra

Rio de Janeiro, Campus, 1988

*A Cabana do Pai Tomás*, escrito por Harriet Beecher Stowe, e publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1852, teve, ainda no ano de sua publicação, uma tiragem de mais de 300 mil exemplares. A influência deste romance extrapolou as beligerantes fronteiras americanas do Sul escravista e do Norte abolicionista, chegando ao Brasil ainda em meados do século passado. Emocionou leitores, inspirou autores, foi encenada e aplaudida em vários teatros das capitais das províncias do Império.

Outra Harriet, também americana, mas negra e ex-escrava, quase 10 anos após a edição da festejada obra de Mrs. Stowe, publicou suas memórias, às próprias custas, em prol da causa abolicionista. O emocionante relato teve sua autoria atribuída por longos anos a uma mulher branca envolvida na luta antiescravista, sendo considerada, até recentemente, uma falsa narrativa de escrava.

A tradução que ora nos chega, cerca de cento e quarenta anos após sua publicação, traz uma apresentação da pesquisadora Jean Fagan Yellin, que desfez o equívoco.

*Incidentes da vida de uma escrava contados por ela mesma* apresenta as vicissitudes de Harriet Jacobs, filha de um escravo de ganho carpinteiro e de uma mucama, desde o nascimento, em 1813, na Carolina do Norte, até obter a liberdade, primeiro pela fuga, depois pela compra de sua alforria.

Harriet ficou 7 anos escondida na casa de sua avó materna — uma ex-escrava — encerrada num cubículo entre o telhado e o forro da casa. Apesar de ter os movimentos limitados, seguia, através das frestas do telhado, o crescimento dos filhos, a vida da vizinhança, as festas dos escravos durante o período do Natal, a movimentação dos capitães do mato e, até mesmo, muitos dos passos de seu proprietário fortemente empenhado em capturá-la.

A solidariedade entre escravos, ex-escravos e abolicionistas, homens e mulheres, acaba por propiciar a fuga de Harriet para os estados do Norte, onde não havia mais escravidão, mas de onde os escravos podiam ser reconduzidos para seus antigos proprietários por capitães do mato ou por todos aqueles que estivessem interessados em devolvê-los. A liberdade efetiva de Harriet foi obtida finalmente pela compra de sua alforria, quando o proprietário faleceu.

Para a elaboração deste relato Harriet, que no livro aparece com o nome de Linda Brent, recebeu grande incentivo de abolicionistas brancas. Lydia Maria Child reviu os capítulos, colocando-os numa ordem contínua sem alterar, porém, o conteúdo. O resultado é um livro envolvente e um documento precioso, principalmente no que se refere à especificidade da situação da mulher escrava, à vida familiar dos escravos, e às críticas à escravidão.

A espinhosa questão da sexualidade da mulher escravizada, apesar do moralismo que transparece no relato, deixa à mostra tanto a condição de vítima da escrava face à licenciosidade senhorial, como tam-

bém a possibilidade de utilizar esta mesma sexualidade em proveito próprio. Harriet sofreu primeiro assédios sexuais do proprietário, homem casado, depois verdadeiras torturas pela sua sistemática recusa em ceder. Impossibilitada de se casar com o amor do seu coração, um homem de cor, livre, teve dois filhos de um jovem advogado branco, também senhor de escravos. Vingança? Certamente. Bofetada que deixou marcas em seu proprietário pelo resto da vida.

Os laços familiares e de solidariedade entre escravos e ex-escravos aparecem na narrativa costurados e arrematados com cuidado, sobrevivendo gerações, mudanças regionais e de condição. A avó de Harriet, ex-escrava, escondeu a neta escrava por 7 anos, apesar dos enormes riscos que corria, como o de ter a casa queimada caso fosse descoberta; a mãe, escrava fugida, trabalhando então como ama, em Nova York, ajudava com seu salário a vestir a filha, que trabalhava como criada na casa de outros brancos; a jovem escrava ensinava um parceiro de cativo a ler, mesmo sabendo que receberia chicotadas caso fosse surpreendida.

Aos brancos, não restou apenas o papel de vilão. A violência física e moral utilizada pelos senhores de escravos tem seus requintes descritos com veemência por Harriet quando lembra, por exemplo, que, no período em que esteve fugida, seus filhos pequenos (a menina não tinha mais do que 2 anos) foram aprisionados na cadeia para pressionar a sua volta. Reconhece, porém, que existe diferença entre os brancos do Sul, como nos do Norte. Isto não significa que defenda o "bom senhor". Via a escravidão como um mal e nenhum esforço deveria ser economizado enquanto não fosse extinta. Mais do que alegria, sentiu revolta quando sua liberdade foi obtida através da compra.

A edição brasileira dos *Incidentes* traz, além do já citado estudo da pesquisadora Jean Fagan Yellin, a transcrição da correspondência de Harriet Jacobs com abolicionistas, fotos e uma cronologia. Através

da correspondência, ficamos sabendo que Harriet Beecher Stowe aproveitou alguns episódios da vida da escrava Harriet Jacobs, em *A Cabana do Pai Tomás*, e que se recusou a fazer a apresentação da primeira edição do livro.

E pela cronologia podemos acompanhar a trajetória de Harriet Jacobs após a obtenção da alforria: continuou militando nos movimentos negros e de mulheres, viajou para Londres a fim de obter recursos para a criação de um asilo para velhos e de um orfanato e participou, em 1896, um ano antes de sua morte, da organização dos encontros da Associação Nacional de Mulheres de Cor, em Washington D.C.

Para finalizar, apenas duas palavras: o livro pode ser lido como um romance e mesmo o leitor sem formação de historiador poderá ter um enorme prazer em conhecer as vicissitudes de Harriet. Para os editores, um lembrete: existem outras narrativas de ex-escravos/as que mereceriam divulgação, como aquela parcialmente publicada na revista da Associação Nacional dos Professores Universitários de História — ANPUH (n.º 16, mar./ago. 1988).

Mahommah G. Baquaqua veio como escravo, da África para o Brasil e, numa das viagens empreendidas por seu então proprietário aos Estados Unidos, evadiu-se, obtendo assim a alforria.

Maria Lúcia de Barros Mott

## **VERS UNE LOGIQUE DES SIGNIFICATIONS**

JEAN PIAGET e ROLANDO GARCIA

Genebra, Murionde, 1987. 202 p.

Apresentado como o "último livro de Jean Piaget", *Vers une logique des significations*\* foi escrito em co-autoria com Rolando Garcia, físico e epistemólogo argentino, que já fora seu colaborador em trabalhos anteriores.

As investigações que o originaram compõem um programa de trabalho coletivo desenvolvido nos anos de 1978 e 1979, ainda sob a égide do Centro Internacional de Epistemologia Genética.

Setembro de 1980 traz o falecimento do mestre genebrino. Deixa-nos ele então, para o livro, a introdução, a análise de cada investigação, com as conclusões provisórias a respeito (primeira parte do livro). Encarrega-se depois Garcia da redação das conclusões gerais, apresentadas após sua própria contribuição (segunda parte do livro).

Que nos traz Piaget ao final de sua vida nesse trabalho? Como se coloca essa obra na seqüência das investigações piagetianas dos anos 70, voltadas em sua maioria para a compreensão mais acurada do processo dinâmico de formação das estruturas do pensamento lógico?

Bärbel Inhelder, outra notória colaboradora de Piaget, em seu didático prefácio (p. 5), destaca que a obra responde à necessidade de revisão da lógica operatória, estendendo-a em duas direções: "para a construção de uma lógica das significações, da qual a lógica operatória seria o desenvolvimento natural; e para uma reformulação da lógica proposicional, que liberaria esta de suas ligações demasiadamente estreitas com a lógica extensional".

O próprio Piaget, na introdução, é muito claro quanto ao sentido de revisão crítica de sua teoria, proporcionada pelas novas reformulações expostas no trabalho. Seu principal propósito, segundo declara (p. 11), é o de "...completar e corrigir nossa lógica operatória no sentido de uma lógica das significações".

Portanto, volta-se Piaget, em seu último projeto, para uma teoria das significações na lógica natural. Contudo, ao atender a essa preocupação, ele está

\* Possível tradução para o português: "Para uma lógica das significações" (a tradução das citações abaixo também é de autoria da resenhista).